

A QUESTÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS NO BRASIL: (NÃO) SOMOS RACISTAS?!

Elenilson Delmiro dos Santos - UFPB

Maria do Carmo Melo Aguiar Neta - UFPB

Roseane Delmiro dos Santos - UFPB

Introdução

Existiu um momento na nossa história em se acreditava que no Brasil o único preconceito existente era o de classe. Gilberto Freyre, quando em sua obra gestou a ideia de uma “democracia racial”, de certo modo, nos deu a entender um menosprezo pelas diferenças raciais, embora como afirma Lilia Schwarcz (2012) ele estivesse falando de um “equilíbrio de opostos”. Mas, é verdade que já existia certa inclinação para a aceitação de uma democracia racial. Contudo, Octavio Ianni (2004) vai dizer que a tese da democracia racial sofreu um impacto traumático posto que havia na ideologia brasileira e na academia, como ambiente cultural, um certo compromisso com a tese da democracia racial.

De fato, no Brasil “o mito da democracia racial encobre o preconceito e torna muito mais difícil o combate efetivo da injustiça para com indivíduos e grupos etno-raciais diversos do branco-europeu” (FERREIRA, 2004, p. 40). Todavia, não podemos perder a consciência que esta é uma tese que devido sua persistência na cabeça de muitos brasileiros, acaba permitindo que a discriminação aconteça na vida dos indivíduos de uma maneira, às vezes, inconsciente e por algumas situações nem sempre identificável como ato de discriminação.

A questão das relações étnico-raciais no Brasil está, portanto, construída de uma forma a manter a supremacia de determinados grupos dentro de uma estrutura já estabelecida. Em outras palavras, o racismo infelizmente existe e tem imprimido marcas negativas na nossa história, fazendo, inclusive, com que ele se torne esta realidade a qual tanto falamos e muitas vezes pouco conseguimos definir. Afinal, o que é racismo? O que, necessariamente, devemos contemplar em termos de critérios epistemológicos quando falamos de diferenças de raças? São questões que, sem dúvidas, merecem uma problematização dada as respostas ambíguas a que podemos chegar.

No momento, torna-se importante por em evidência como alguns conceitos relacionados à raça e etnia dentro da literatura têm sido usados de uma forma

diversificada por diversos pesquisadores e teóricos. Muitas vezes, na busca por uma identificação racial, são levadas em consideração as especificidades socioeconômicas, biológicas ou/e até fatores ideológicos, o que é complexo. Em função disso, procuramos, neste trabalho, utilizar, quando necessário, o termo “afrodescendente” que segundo Ricardo Ferreira (2004) é uma categoria que inclui tanto as pessoas consideradas negras como as consideradas mestiças.

Neste sentido, discutiremos num primeiro momento o conceito de raça e etnia, e como estes têm sido construídos socialmente e culturalmente. Num segundo momento, o problema da identidade torna-se uma questão relevante quando direcionada para os Afrodescendentes. Contudo, esta é uma categoria que segundo Hall (2006) apresenta três diferentes concepções: a de sujeito do Iluminismo, a de sujeito sociológico e a de sujeito pós-moderno. E por fim, apresentamos um recorte do questionário que foi aplicado na pesquisa de campo, bem como uma análise dos resultados aos quais chegamos e como estes tem se mostrado de acordo com os sujeitos entrevistados.

De etnia para raça: um pressuposto ideológico do preconceito

De início, para caracterizar o pensamento brasileiro acerca do preconceito racial no tempo presente, dois conceitos importantes e controvertidos devem ser esclarecidos o de “raça” e “etnia”. Embora, estes muitas vezes tenham sido empregados de uma forma a serem considerados como sinônimos, na verdade, estes "termos indicam as semelhanças culturais dentro de uma população, ou o conjunto de suas características culturais e genéticas” (FROTA-PESSOA, 1996, p. 29-30). Aqui, porém, estamos entendendo como categorias que se afastam ao máximo em suas circunstâncias genéricas.

Em função disso, estamos considerando, que o uso do termo etnia conforme empregado por J. M. Casas (1984) que refere-se à etnia como sendo uma “classificação de indivíduos, em termos grupais, que compartilham uma única herança social e cultural (costumes, idioma, religião, e assim por diante) transmitida de geração em geração” (CASAS Apud FERREIRA, 2004, p. 50). Nesta mesma direção, Manuel Castells (2001) vai dizer que etnia enquanto fonte de significado e reconhecimento “Trata-se de uma das estruturas mais primárias de distinção e reconhecimento social, como também de discriminação, em muitas sociedades contemporâneas” (CASTELLS, 2001, p. 71). Portanto, temos dois pensamentos que, de certo modo, remonta a perspectiva, que

podemos situar dentro de um mesmo grupo étnico diferentes membros de grupos raciais.

Diferentemente desta definição, o termo raça, por sua vez, mesmo sendo empregado, igualmente, enquanto uma construção social do ponto de vista histórico e social de acordo com Teresa C. F. Matos e Marco A. Paz Tella (2012), suas implicações serão bem mais complexas. A construção social vai persistir, porém, de acordo com Andreas Hofbauer (2010) vai estar associada a algum tipo de afirmação ou construção de “diferenças” e “fronteiras”. Neste caso, abordar a concepção de raça significa reconhecer dentro das relações de grupos a existência de um processo de estigmatização que tende a sobrepor um grupo sobre o outro.

Dessa forma, “na simples anunciação do termo ‘raça’, no senso comum, está subentendida não só a noção de hierarquia cultural, desigualdade social e superioridade cultural de determinado grupo, mas também de hierarquia biológica e de (in)capacidade moral” (MATOS; TELLA, 2012, p. 24). Partindo deste princípio, não podemos deixar de considerar, que uma das construções ideológicas que serviram de base para este pensamento, no caso, a visão simplista que sugere uma eventual “supremacia branca” passou a ser difundido sob o pretexto de que “o negro era o componente de uma raça inferior” (MUNANGA, 2008, p. 56).

Assim, ressaltamos que o preconceito racial no Brasil foi alimentado, entre outros, a partir da correlação de forças entre dois grupos e que, historicamente e socialmente, é inegável não reconhecer que o grupo, dos não brancos, foi considerado inferior. Sendo assim, fica difícil fugir do pensamento de Kabengele Munanga (2009) que diz que para ser racista, é preciso colocar como postulado fundamental a crença na existência de “raças” hierarquizadas dentro da espécie humana. Ou seja, “se cientificamente a realidade da raça é contestada, política e ideologicamente esse conceito é muito significativo, pois funciona como uma categoria de dominação e exclusão nas sociedades multirraciais contemporâneas observáveis” (MUNANGA, 2009, p. 15).

Portanto, a substituição de etnia por raça pode ser os indícios conclusivos de uma trama existente dentro da sociedade, cujas relações sociais por serem construídas de uma forma a deixar em evidência suas desigualdades, necessitam de parâmetros reguladores que afirme esta tendência. Neste sentido, IANNI (2004), vai dizer que por serem as relações sociais não apenas hierarquizadas, mas também desiguais, acaba

propiciando o surgimento de várias modalidades de alienação e de não participação na economia, na política e na cultura, ocorrendo, assim, a transformação de etnia em raça.

A identidade negra em questão

Antes de falarmos da identidade negra propriamente dita, faz necessário discutirmos o(s) conceito(s) de identidade existentes e amplamente discutidos pela teoria social na atualidade.

Segundo Hall (2006, p. 7), “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”.

Em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, o sociólogo jamaicano apresenta três concepções de identidades, a saber: a) identidade do sujeito do Iluminismo – baseia-se na concepção de um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado de capacidades racionais; b) identidade do sujeito sociológico – tem como concepção a ideia de que o eu (núcleo interior do sujeito) não é autônomo e auto-suficiente, pelo contrário, é constituído a partir das relações estabelecidas com outras pessoas do lugar onde ele habita e; c) identidade do sujeito pós-moderno – baseia na concepção de que a identidade é formada e transformada continuamente em relação ao modo como somos interpelados nos grupos sociais que nos circundam.

Ao citar Ernest Renan (1990), Stuart Hall (2006) afirma que

não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos pertencendo à mesma e grande família nacional (HALL, 2006, p.59).

Desse modo, devemos pensar as culturas nacionais como elemento constitutivo de um dispositivo discursivo que busca representar a diferença como unidade ou identidade. Um modo de unificá-las tem sido representá-las como a expressão da cultura subjacente de “um único povo” (HALL, 2006, p. 62). Nesse sentido, Ferreira (2004) nos afirma que a identidade se apresenta como um importante elemento para a compreensão do indivíduo e do modo como este se constitui em relação aos diferentes sistemas culturais que o rodeia. “Creio ser a identidade uma categoria efetivamente importante

para compreendermos como o indivíduo se constitui, determinando sua auto-estima e sua maneira de existir” (FERREIRA, 2004, p. 48).

No que diz respeito a identidade étnico-racial Mirian de A. Aquino (2012) vai dizer que esta é um processo, uma construção. Ou seja, diante do contexto brasileiro, percebemos que discutir a identidade negra significa colocar-se diante de um fenômeno social que se encontra em constante transformação, suas mudanças vem sempre respaldadas por novos referenciais que, quase sempre, são determinadas por novas construções sociais.

Assim, identidade pode ser compreendida como uma categoria que se define por uma construção ou reconstrução que pode ser positiva ou não. Porém, no caso do Brasil quando se fala de identidade negra esta, quase sempre, vem acompanhada de uma “naturalização” negativa do preconceito, o que é lamentável. Se levarmos em consideração o nosso contexto sócio-histórico, perceberemos que este *constructo social*, difamador e deformador, com relação a identidade negra teve seu início graças a um longo processo de desconstrução das suas raízes culturais. O processo mais conhecido e, sem dúvida, o mais danoso foi à escravidão.

A escravidão fez, assim, com que homens, mulheres e crianças, membros de reinos, clãs e linhagens, aliados e inimigos, caçadores, guerreiros, agricultores, sacerdotes e cultuadores de antepassados, enfim pessoas com relações de parentescos próprias, vivendo sob uma determinada organização social, política e religiosa fossem retiradas desses contextos para tornarem-se mão-de-obra escrava numa terra distante e numa sociedade diferente da sua (SILVA, 2005, p. 29).

No Brasil, a instituição da escravidão, mais do que representar um sistema hierárquico, de ordem social, que se definia por uma relação de poder, na verdade serviu e ainda tem servido, com grande eficácia, para definir a falsa ideia de uma “supremacia” branca em relação aos negros. O fim da escravidão, pouco serviu para pôr fim a esta relação de poder com base na cor da pele. O que se nota conforme afirma Matos e Paz Tella (2012) é que além de persistir uma profunda desigualdade social, houve a manutenção de uma hierarquia racial. Neste sentido, não podemos deixar de considerar que a escravidão no Brasil deve ser apontada como sendo a principal construtora dos estigmas que hoje são impostas a população negra.

As relações étnicas a partir do ambiente escolar, o que dizem os números?

Ciente da importância do papel desempenhado pela escola na formação dos sujeitos alunos, sentimos a necessidade de trazer, para dentro da sala de aula, o debate acerca das práticas racistas mais frequentes que acontecem no ambiente escolar ou em outros ambientes de nossa sociedade.

Buscamos com esse trabalho, refletir com os estudantes sobre o porquê desse comportamento ser tão frequente nos dias atuais, visto que somos fruto de um grande processo de miscigenação, ou seja, a base de nossa sociedade é formada pelo cruzamento das culturas europeia, indígena, negra, oriental, entre outras.

Diante do exposto, percebemos que os próprios estudantes – a maioria afrodescendente – apesar de se incomodarem com esse tipo de tratamento, mostravam-se resignados diante destas situações de preconceito. A princípio, pensamos se tratar da falta de conhecimento a respeito do que seria o preconceito, o racismo. No entanto, percebemos, posteriormente, que esse comportamento dos alunos era fruto do pseudo pensamento de que não existe preconceito racial no Brasil. Para Paul Gilroy (1992),

Enfrentamos, de forma crescente, um racismo que evita ser reconhecido como tal, porque é capaz de alinhar “raça” com nacionalidade, patriotismo e nacionalismo. Um racismo que tomou uma distância necessária das grosseiras ideias de inferioridade e superioridade biológica busca, agora, apresentar uma definição imaginária de nação como uma comunidade cultural unificada. Ele destrói e defende uma imagem de cultura nacional – homogênea na sua branquidade, embora precária e eternamente vulnerável ao ataque dos inimigos internos e externos... Este é um racismo que responde à turbulência social e política da crise e à administração da crise através da restauração da grandeza nacional na imaginação. Sua construção onírica de nossa ilha coroada como etnicamente purificada propicia um especial conforto contra as devastações do declínio (nacional) (GILROY, 1992, p. 87).

Com base no exposto, debatemos, em sala de aula, dois episódios emblemáticos de práticas racistas ocorridas neste ano de 2014: a) o caso da jovem negra, vítima de racismo numa rede social ao postar uma foto com o namorado branco e; b) o xingamento desferido por uma torcedora a um goleiro durante uma partida de futebol. Após essas discussões, foram aplicados dois questionários, um com os alunos e o outro com os professores, ambos voltados para a questão das relações étnico-raciais. Entretanto, para nossa tristeza, algumas das hipóteses estabelecidas no início desse

estudo foram corroboradas na resposta dos entrevistados (alunos e professores). Passemos, então, a análise dos dados coletados.

Questionário 1

O primeiro questionário aplicado contou a participação de 32 alunos dos anos finais do Ensino Fundamental I e II da rede particular e pública de ensino, respectivamente. Composto de 10 questões, sendo 9 objetivas e 1 discursiva, o referido questionário trazia questões diversas relacionadas à questão das relações étnicas existentes dentro e fora do ambiente escolar. Entretanto, das perguntas que foram elaboradas para o questionário, fizemos um recorte a partir das questões que se mostraram mais significativas para a construção deste trabalho.

1. Cor

Embora a maioria dos alunos entrevistados sejam de origem afrodescendente, quando perguntado como eles se autodeclaravam em relação a sua cor, cerca de 59,4% dos entrevistado responderam ser pardos, 31,3%, surpreendentemente, se autodeclararam brancos, seguidos de 3,1% que autodeclararam negro, amarelo ou de outra cor, como mostra a tabela a seguir.

1. Cor	Pardos: 59,4% (19 alunos) Brancos: 31,3% (10 alunos) Negro: 3,1% (1 aluno) Amarelo: 3,1% (1 aluno) Outra cor: 3,1% (1 aluno)
--------	--

2. Vítima de discriminação

Ao serem perguntados se já havia sofrido ou presenciado algum tipo de discriminação, 50% dos estudantes informaram que não havia sofrido ou presenciado nenhum tipo de discriminação, 46,9% falaram que sim e 3,1% não respondeu a esta pergunta.

2. Vítima de discriminação	Não: 50% (16 alunos) Sim: 46,9% (15 alunos)
----------------------------	--

	Não respondeu: 3,1% (1 aluno)
--	--------------------------------------

3. Última vez que presenciou ou sofreu algum tipo de discriminação

A resposta dada pelos alunos à esta pergunta acabou reforçando a ideia de que o racismo está muito presente em nossas práticas cotidianas, sejam elas institucionalizadas ou não. Os dados, a seguir, mostram precisamente a frequência em que ocorrem essas práticas.

3. Frequência	Hoje: 15,6% (5 alunos) Nos últimos 30 dias: 12,5% (4 alunos) Nos últimos 6 meses : 15,6% (5 alunos) Há 1 ano ou mais: 19% (6 alunos) Não responderam: 37,30% (12 alunos)
----------------------	---

4. Caso de racismo dentro ou fora da escola

Ao serem perguntados se já haviam presenciado algum caso de racismo dentro ou fora da escola, a maioria dos estudantes, como mostra a tabela, responderam sim.

4. Presenciou algum caso de racismo dentro ou fora da escola	Sim: 81,25% (26 alunos) Não: 6,25% (2 alunos) Não responderam: 12,5% (4 alunos)
---	--

Questionário 2

O segundo questionário foi aplicado a 30 professores de diferentes disciplinas da educação básica, no entanto, apenas 6 professores devolveram os questionários devidamente respondidos, o que corresponde a 20% dos entrevistados. Dado que muito nos surpreendeu. Os demais devolveram o questionário em branco. Este questionário composto de 11 questões, sendo 10 objetivas e 1 discursiva, tratava da questão das relações étnicas existentes dentro e fora do ambiente escolar. Assim como procedemos em relação à análise do questionário aplicado com os alunos, também fizemos um recorte, a partir das respostas dadas pelos professores, que se mostraram mais relevantes para a construção desta pesquisa.

1. Cor

Dos 6 professores participantes deste levantamento, apenas um se autodeclarou negro, os demais se autodeclararam pardos e branco, como mostra a tabela a seguir.

1. Cor	Pardos: 13,34% (4 professores) Branco: 3,33% (1 professor) Negro: 3,33% (1 professor)
--------	---

2. Sofreram algum tipo de discriminação no trabalho ou em outro local

Quando questionados se já haviam sido vítima de algum tipo de discriminação dentro do local de trabalho ou em outro local, a maioria dos entrevistado respondeu não.

2. Vítima de discriminação no trabalho ou em outro local	Não: 13,34% (4 professores) Sim: 6,66% (2 professores)
--	---

3. Práticas de racismo entre os estudantes

Ao serem perguntados se já haviam presenciado práticas de racismo entre os estudantes dentro do ambiente escolar, apenas um professor respondeu não.

3. Presenciou práticas de racismo entre os estudantes	Sim: 16,67% (5 professores) Não: 3,33% (1 professor)
---	---

4. Como intervém diante dessa realidade

Diante desta pergunta, todos os professores entrevistados responderam que discutem a situação ocorrida com seus alunos. Essa prática também é adotada pelo docente que, na questão anterior, respondeu não ter presenciado práticas de racismo ente os estudantes.

4. Como intervém nessa realidade	Discute o ocorrido: 20% (6 professores) Considera normal: 0% (nenhum professor) Ignora o ocorrido: 0% (nenhum professor)
----------------------------------	--

5. Realização de ação pedagógica para o enfrentamento dessa realidade

Quando questionados se era desenvolvida alguma ação pedagógica, na instituição escolar da qual fazem parte, 50% dos professores entrevistados responderam sim e a outra metade não.

5. É realizada alguma ação pedagógica visando o enfrentamento dessa problemática	Sim: 10% (3 professores) Não: 10% (professores)
--	--

Diante dos dados apresentados, podemos perceber que os questionários aplicados – aos alunos e aos professores – demonstram que as práticas de racismo estão presentes nas mais variadas situações do cotidiano, tanto as que ocorrem dentro quanto as que acontecem fora do ambiente escolar. Logo, mostra-se de suma importância a necessidade de se discutir essa realidade dentro do espaço escolar, uma vez que é papel dessa instituição, dentre outras responsabilidades, formar o sujeito para o agir na sociedade.

Considerações

De fato, embora vivamos em um país em que a discriminação racial seja condenada de uma forma unânime pela sociedade brasileira, a existência do preconceito tem sua prática reconhecida quando muitos, entre nós, afirmam já ter presenciado algum ato de preconceito racial ou, no mínimo, conhecer alguém que já tenha sofrido alguma forma de preconceito.

Portanto, o racismo existe e sua prática ganha visibilidade até nos menores elementos que constituem as relações cotidianas e mesmo quando não aparece de uma forma explícita, seus contornos, apesar de tentar se disfarçar com uma estranha invisibilidade ainda se faz notar por pequenos gestos. Ou até mesmo, por grandes gestos.

As recentes políticas públicas de ações afirmativas voltadas para os afrodescendentes, nada mais são do que uma estratégia para superar o racismo existente em nosso país. Diante dessa nossa observação, vale salientar que não estamos entrando na questão de ser contra ou a favor das cotas, porém, não podemos deixar de considerar que trata-se de uma política que atende a um duplo interesse. Ou seja, “as cotas são uma

conquista e uma concessão, uma legitimação de uma sociedade preconceituosa” (IANNI, 2004).

Portanto, quando se trata de discutir o racismo no Brasil, não é difícil perceber que as pessoas rapidamente se reportem a questões que remontem a escravidão, as senzalas e aos castigos físicos. Em um ambiente profundamente caracterizado pela miscigenação racial, isto, com certa tendência em inferiorizar uma parte dela, como é o caso da sociedade brasileira, querer aceitar que esta é uma história que jaz em um passado distante é, no mínimo, contraditório.

De fato, não podemos negar a existência do racismo. Fato é que encontramos nas tramas da história brasileira uma falsa democracia racial maquiada por uma terminologia chamada alteridade que vem sendo colocada desde o fim, oficial, da escravidão no Brasil. Contudo, trata-se de uma tentativa de querer amenizar as profundas relações antagônicas de raças ainda existentes em nossa sociedade.

Referências

AQUINO, Mirian de Albuquerque. A construção da identidade étnico-racial na era da informação. In: TELLA, Marco Aurélio Paz (Org.). *Educação, Ações Afirmativas e Relações Étnico-Raciais*. João Pessoa: NEABI/UEPB, 2012. p. 15 - 21. (Cadernos Afro-Paraibanos, Vol. I)

CASTTELS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e terra, 2001.

FERREIRA, Ricardo Franklin. *Afrodescendente: identidade em construção*. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

FROTA-PESSOA, Oswaldo. Raça e eugenia. In: SCHWARCZ, L.M; QUEIROZ, R, S. (Orgs.). *Raça e diversidade*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 29 - 45.

GILROY, Paul. The end anti-racism. In: DONALD, J. e RATTANSI, A. (Orgs.). *Race, Culture and Difference*. Londres: Sage, 1992.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOFBAUER, Andreas. Raça, cultura e identidade e o “racismo à brasileira”. In: BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto. *De Preto a Afro-Descendente: Trajetos de pesquisa sobre as relações étnico-raciais no Brasil*. São Carlos: EDUFSCAR, 2010. p. 51 - 68.

IANNI, Octavio. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000100002&script=sci_arttext. Acesso em: 12 de Out. de 2014.

MATOS, Teresa Cristina Furtado; TELLA, Marco Aurélio Paz. Relações étnico-raciais no Brasil. In: TELLA, Marco Aurélio Paz (Org.). *Educação, Ações Afirmativas e Relações Étnico-Raciais*. João Pessoa: NEABI/UFPB, 2012. p. 23 - 49. (Cadernos Afro-Paraibanos, Vol. I)

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (Coleção Cultura Negra e Identidades)

_____. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Coleção Cultura Negra e Identidades)

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociedade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda: Caminhos da Devoção Brasileira*. São Paulo: Selo negro, 2005.

ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares; ARAÚJO, Eduardo Fernandes de. Direitos Humanos: o ato de pensar e repensar o tema dos Direitos Humanos através de um olhar étnico-racial e da educação na América Latina/Brasil. In: TELLA, Marco Aurélio Paz (Org.). *Educação, Ações Afirmativas e Relações Étnico-Raciais*. João Pessoa: NEABI/UFPB, 2012. p. 15 - 21. (Cadernos Afro-Paraibanos, Vol. I)